

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 5 · ANO DE 2003

EDIÇÃO DA
CAMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Os fornos de cerâmica do Rumansil I – Murça do Douro (Vila Nova de Foz Côa) – Estudo preliminar

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO ¹, G. MAZA ², TONY SILVINO ³

1 – APRESENTAÇÃO GERAL

O sítio arqueológico do Rumansil I localiza-se no termo da freguesia de Murça do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, num remate de um planalto granítico, em terraço virado a Este ⁴. Trata-se da parte rústica de uma Villa romana ocupada na segunda metade do século III d. C. Esta “Villa agrícola” é composta por instalações vinícolas, prensas, adegas, e sobretudo estruturas de cozedura excepcionalmente bem conservadas, das quais encontramos poucos paralelos no mundo romano (figura 1).

De facto foram descobertos e registados dois fornos contemporâneos entre si, praticamente geminados, diferindo apenas nas dimensões.

O Forno 1 (figura 3 e foto 2) de maior dimensão, terá produzido vasos de grande porte para armazenagem, vulgarmente chamados “*dolia*”, constituindo uma categoria de cerâmica geralmente secundarizada pelos investigadores, cujos fragmentos cobriam regularmente as periferias da investigação. O fabrico dos vasos para armazenamento (*dolia*) está concebido de maneira correcta. Contudo o Forno 2 (figura 4 e foto 1), de dimensões mais reduzidas mas do mesmo tipo, terá servido para cozer cerâmicas diversas tais como pesos de tear em barro e vasos de pequeno porte. Por outro lado a grande quantidade de tégula (telha) encontrada no local sugeriu que os dois fornos também poderiam ter servido para a cozedura da citada tégula bem como de imbrex.

Para o presente trabalho seleccionámos o estudo do Forno 1 e a produção local de *dolia*. De notar que as quantidades exumadas no sítio do Rumansil I justificavam por si só um estudo aprofundado.

2 – APRESENTAÇÃO DOS FORNOS

FORNO 1 (Foto 2)

Das duas estruturas de combustão, o Forno 1 é de longe o mais importante devido às suas dimensões e ao seu excelente estado de conservação. Essencialmente composto por blocos graníticos, é de forma circular com um diâmetro aproximado de 2,20 metros e de uma altura que se aproximaria dos 3 metros.

O interior do forno é composto por um pilar central em granito, de onde radiavam pilares graníticos dispostos horizontalmente que encaixavam na parede interior do mesmo forno ⁵. Sobre estes pilares assentava uma placa maciça e sólida de barro (vulgar grelha) com orifícios para deixar passar o calor.

Duas aberturas para o exterior (Lado Este) são visíveis, nomeadamente a da câmara de combustão, situada na parte inferior da estrutura. A segunda abertura, separada da primeira por um enorme bloco granítico, está meia destruída. Uma reconstituição permite pensar que esta entrada para a câmara de cozedura teria cerca de um metro de altura, servindo a mesma para a inserção e também para a evacuação da cerâmica (*dolia*) que se pretendia cozer. Vestígios de argamassa ainda foram observados nas paredes interiores do forno.

¹ Arqueólogo (ACDR de Freixo de Numão).

² Arqueólogo (Universidade Lumière, Lyon 2, França).

³ Arqueólogo (Universidade Lumière, Lyon 2, França).

⁴ Coixão, António N. Sá, “Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa, 2.ª ed., Vila Nova de Foz Côa, 2000, p. 232-239.

⁵ Este tipo de forno é concebido na província de Bética para a cozedura de ânforas.

Tudo indica que este Forno serviu para cozedura de grandes vasos. Muitos fragmentos de dolia foram encontrados no interior e também nas periferias. Por outro lado, este tipo de vasos era necessário para o armazenamento dos produtos agrícolas, que as estruturas (adegas e prensas) existentes no local testemunham. Aliás, as dimensões e a solidez do forno mostram que a sua concepção previu o acolhimento de grandes vasos, tais como os dolia.

FORNO 2 (Foto 1)

A outra estrutura de combustão, junta (geminada) com a precedente, está menos conservada mas é possível reconstruir as suas dimensões. De forma circular, construída com blocos graníticos (à semelhança do Forno 1), tem um diâmetro de 1,30 metros e teria uma altura aproximada de 1,50 metros. O interior tem também um pilar granítico central, de onde radiavam outros pilares que encaixavam na parede interior. Com barro era constituída uma grelha que separava as câmaras de combustão e de cozedura.

Uma abertura é visível na parte inferior da estrutura correspondente à câmara de combustão. Pode-se no entanto imaginar uma segunda abertura existente por cima da primeira, que se destinava à entrada das peças de cerâmica que iriam constituir a “fornada”. Muitos vestígios de argamassa foram igualmente registados nas paredes interiores deste forno.

No enchimento do forno 2 foram registados restos de pesos de tear em barro ainda não cozidos! No entanto não é de excluir que fosse também utilizado para cozedura de cerâmicas finas e comuns. Na zona envolvente dos fornos (para Este) foram exumados milhares de fragmentos de cerâmicas finas (de massas pouco apuradas) que poderão ter sido fabricados e cozidos nestes fornos (essencialmente no forno 2).

Tudo leva a crer que no local foram também produzidos elementos de construção, tais como tégula e imbrex. A grande quantidade de vestígios encontrados, num volume superior ao que se tem constatado noutras villae da região, leva-nos a essa suposição. Outro indicador é a presença, entre o mobiliário, de uma tégula com a gravação: PEC() LAS [...] OFICINA. Esta marca mostra a origem da produção, mas é difícil atribuí-la com certezas ao sítio do Rumansil I, já que se trata do único exemplar!

Nenhuma estrutura associada a um atelier de oleiros ou objectos de feitura de peças de cerâmica foram encontrados no local. Apenas uma tulha de barro foi descoberta associada ao forno 1 (ver figura 2 compartimento C).

3 – ESTUDO TIPOLOGICO DOS DOLIA

Este estudo apresenta-nos uma primeira tipologia de dolia exumados no local. Na ausência de formas completas, o estudo concentra-se principalmente numa amostra representativa dos elementos de bordo e de fundo, que representam elementos tipológicos mais característicos, que tiveram o privilégio de serem conservados pelos investigadores. O material em questão está presente no local em abundância, com muitos milhares de fragmentos provenientes na maior parte do enchimento dos fornos e dos níveis das escavações já levadas a efeito na villa.

Os dolia são modelados segundo a técnica de montagem do colombino, apresentando um aspecto pesado e maciço, com paredes espessas, apesar das dimensões modestas. Se a principal característica dos dolia é a sua grande dimensão, os exemplares do Rumansil I têm dimensões modestas, com uma altura total de mais ou menos 80 cm, tendo uma capacidade inferior a 100 litros. Os mais importantes exemplares de armazenamento estão em falta. Nos escassos exemplares completos, os lados são arredondados, desenhando uma forma pançada. Não há transição marcada entre a pança e o colo, constituindo este um prolongamento do esfalfamento do lado, largamente inclinados para o interior, desimpedindo uma abertura estreita. Os bordos apresentam diversidades tipológicas importantes, não somente pela forma, como pela dimensão. O fundo é sempre plano, com um ressalto ligeiramente marcado no contorno. Os cordões, geralmente presentes no esteio e na base dos vasos, estão aqui totalmente ausentes.

As argilas são grosseiras, habitual neste género de produção e das cerâmicas modeladas, com um desgordurante adequado à variedade das dimensões. As argilas são de cores diversas, variando do bege ao vermelho tijolo, segundo a intensidade da cozedura.

⁶ O estudo da cerâmica está a decorrer e um próximo artigo insistirá mais na produção da loiça do Rumansil I e da sua difusão nos locais periféricos.

⁷ Nos sítios das vilas do Prazo e do Zimbro II, encontrou-se uma quantidade menor de telhas em relação ao Rumansil I.

Apesar das características tipológicas próximas nas suas grandes linhas, os “dolia” produzidos nos fornos da vila não parecem ter sofrido uma preocupação de standardização com os detalhes das formas.

O estudo tipológico preliminar permitiu pôr em evidência três grandes tipos de bordos diferentes. A esta relativa diversidade corresponde uma larga variedade de diâmetros de bordos. A feitura desses bordos caracteriza-se pela sua simplicidade, obtida por engrossamento do bordo ou por rebaixamento deste.

Tipo 1: O bordo é rectilíneo, obtido por um simples engrossamento dos lados, sem transição com a pança. O bordo é quase paralelo ao plano de postura. A uma dezena de centímetros da abertura, um ligeiro ressalto assinala a separação do bordo. O diâmetro é relativamente constante entre 32 e 34 cm.

Tipo 2: O bordo é bastante inclinado para o interior do vaso, terminado por um bordinho arredondado bem marcado. O bordo é quase paralelo ao plano de postura. Os diâmetros de abertura são mais fracos que os tipos anteriores, com mais ou menos 25 cm.

Tipo 3: Este tipo possui um bordo mais levantado, marcado a poucos centímetros da abertura por um ressalto bem marcado. Os diâmetros dos bordos são bem mais consequentes, com cerca de 36 cm. Esta variante é a única a apresentar uma decoração realizada antes da cozedura. Esta é relativamente simples, com utilização de ondulações ou linhas onduladas, realizadas com um pente, localizadas no terço superior da pança, debaixo do colo, porque a maior parte destas peças estavam destinadas a serem enterradas até ao esteio.

Nenhuma marca foi encontrada nos fragmentos de dolia, sendo apenas visíveis alguns grafitos pós-cozedura.

No que respeita á difusão dos dolia do Rumansil I, fica claro que os tipos aqui estabelecidos se encontram na maior parte dos sítios arqueológicos romanos da região. No termo da freguesia de Freixo de Numão, mais precisamente no sítio do Prazo, foi exumado um volumoso número de fragmentos desse tipo de vaso de grande porte, o mesmo acontecendo no sítio do Zimbro II. Entre os fragmentos damos destaque a alguns com a marca L.F, registados em vários sítios ! Um dolium praticamente completo, exumado no Zimbro II contém a inscrição ante-cozedura LON.F. que poderá corresponder a marca do oficina ou de oleiro.

4 – CONCLUSÃO

Este estudo preliminar dos dois fornos de cerâmica e da produção de “dolia” fica incompleto, mas permite-nos mostrar o carácter excepcional deste local. De facto ele é único nesta região bem como na Península Ibérica. Antes de mais, a parte rústica da villa do Rumansil I apresenta vários arranjos destinados à produção agrícola, do vinho, dos cereais, do azeite (prensas, adegas, tanques de lavagem), de cerâmica (vasos de armazenamento, loiças, pesos de tear e provavelmente de telhas), de outras produções como a fundição do chumbo e tratamento de lã.

Para além disso, o Forno 1 é o único exemplo de estrutura de combustão destinado a cozedura de dolia que até hoje foi registado no mundo ocidental romano. Os grandes tipos de dolia que se encontram em Itália, Gália ou Espanha, não são cozidos nos fornos, mas no que respeita aos pequenos modelos, como os do Rumansil I, desconhece-se mesmo qualquer estrutura que tenha servido para cozedura destes exemplares ¹⁰.

O próximo estudo assentará na tipologia, quantificação e difusão da cerâmica produzida no Rumansil I: dolia, cerâmica comum e cerâmicas finas. As campanhas de 2002 e 2003 irão trazer certamente mais e novas informações.

⁸ A. do Nascimento Sá Coixão, *ibidem*, p. 312-333.

⁹ A. do Nascimento Sá Coixão, *ibidem*, p. 252-254.

¹⁰ M. Py (dir.), *Lattara 6, Doliums*, 1993, p. 402-409.



Foto 1 – Localização dos Fornos 1 e 2 no sítio arqueológico do Rumansil I



Foto 2 – Momento da escavação do Forno 1 no sítio do Rumansil I (ano de 1994)

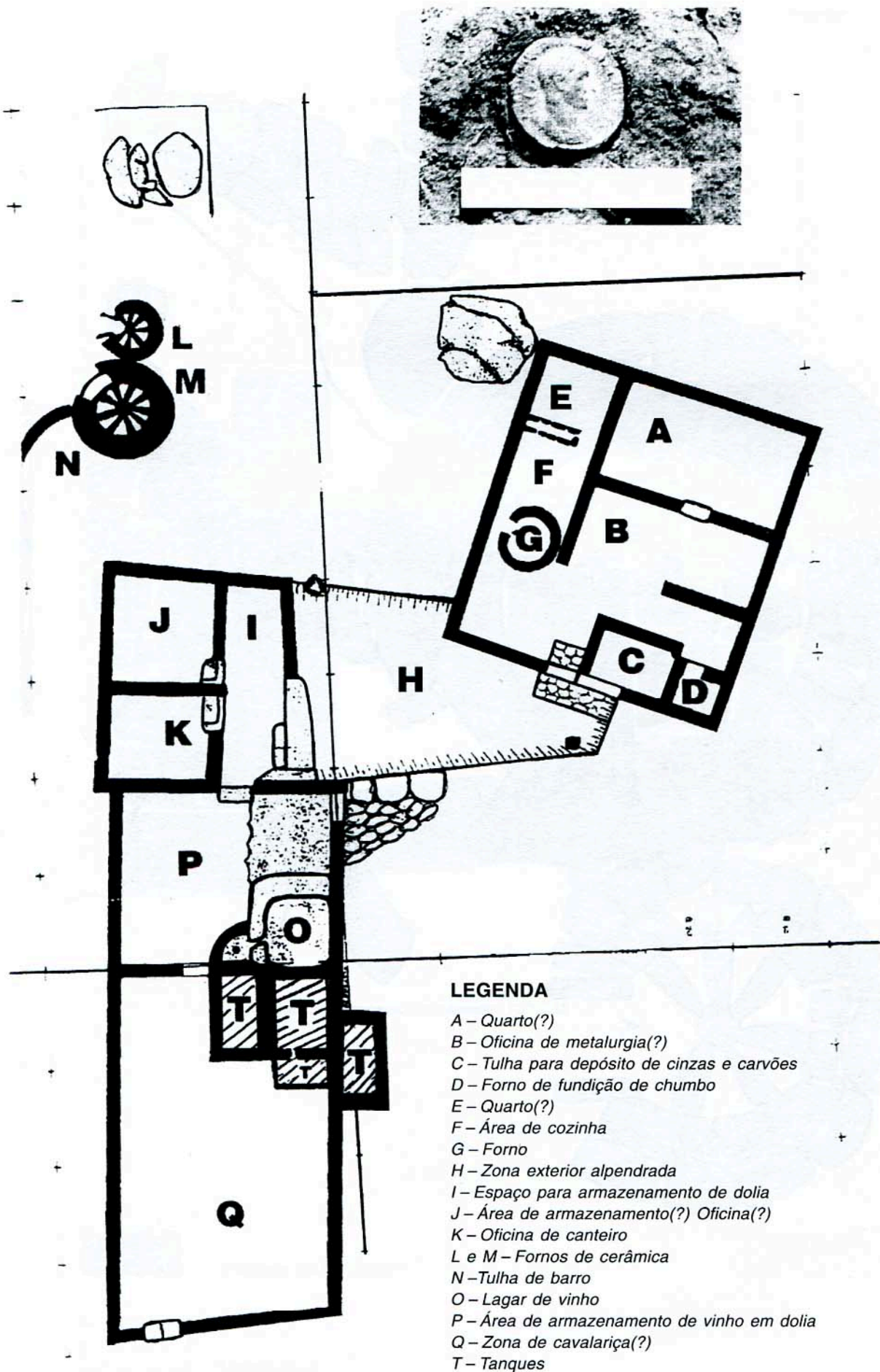


Figura 1 – Planta das estruturas postas a descoberto no sítio do Rumansil I

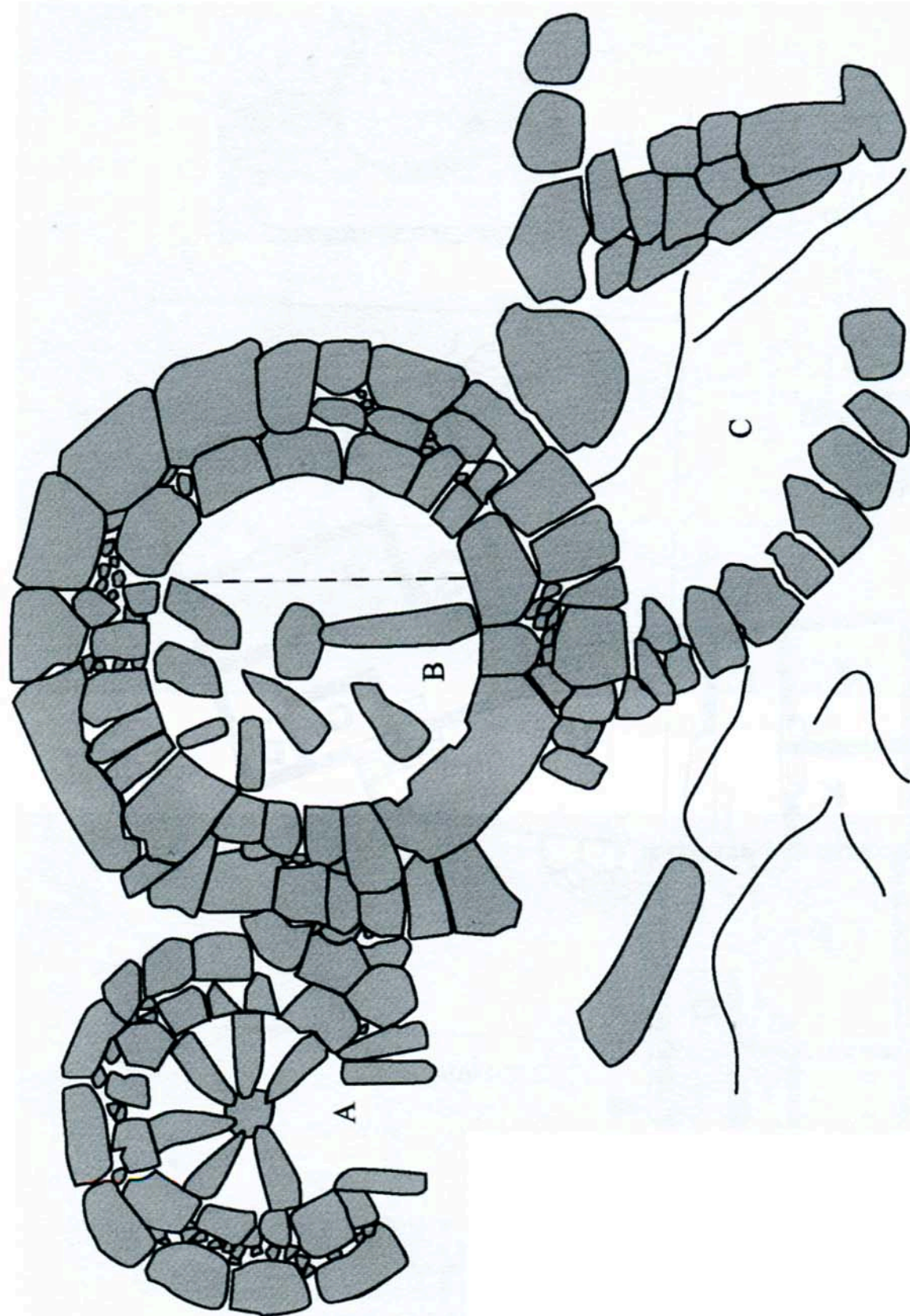
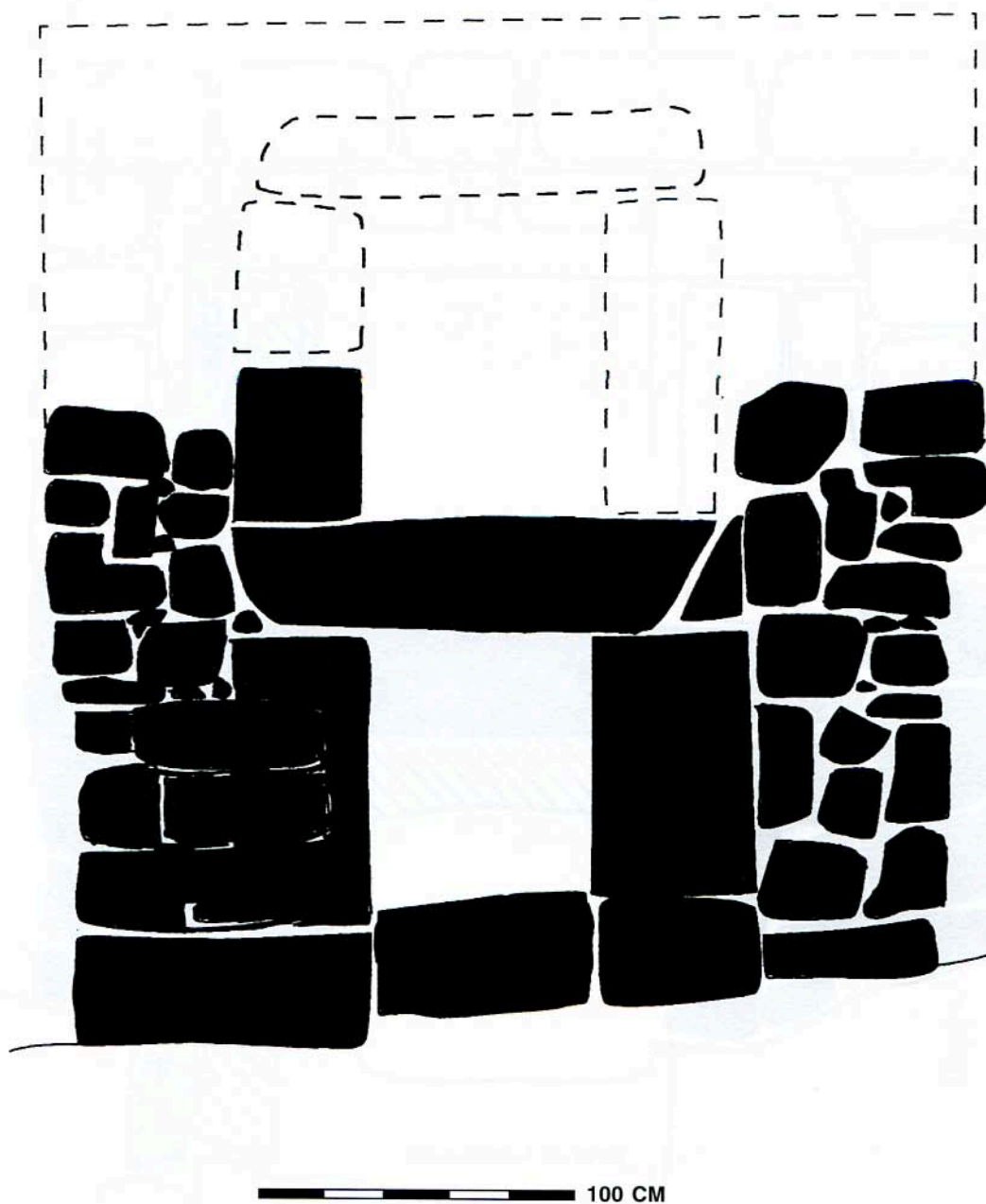
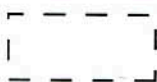


Figura 2 – Murça do Douro, Rumansil I, Fornos de Cerâmica. A: Forno de cerâmica; B: Forno de cerâmica; C: Tuiha de barro

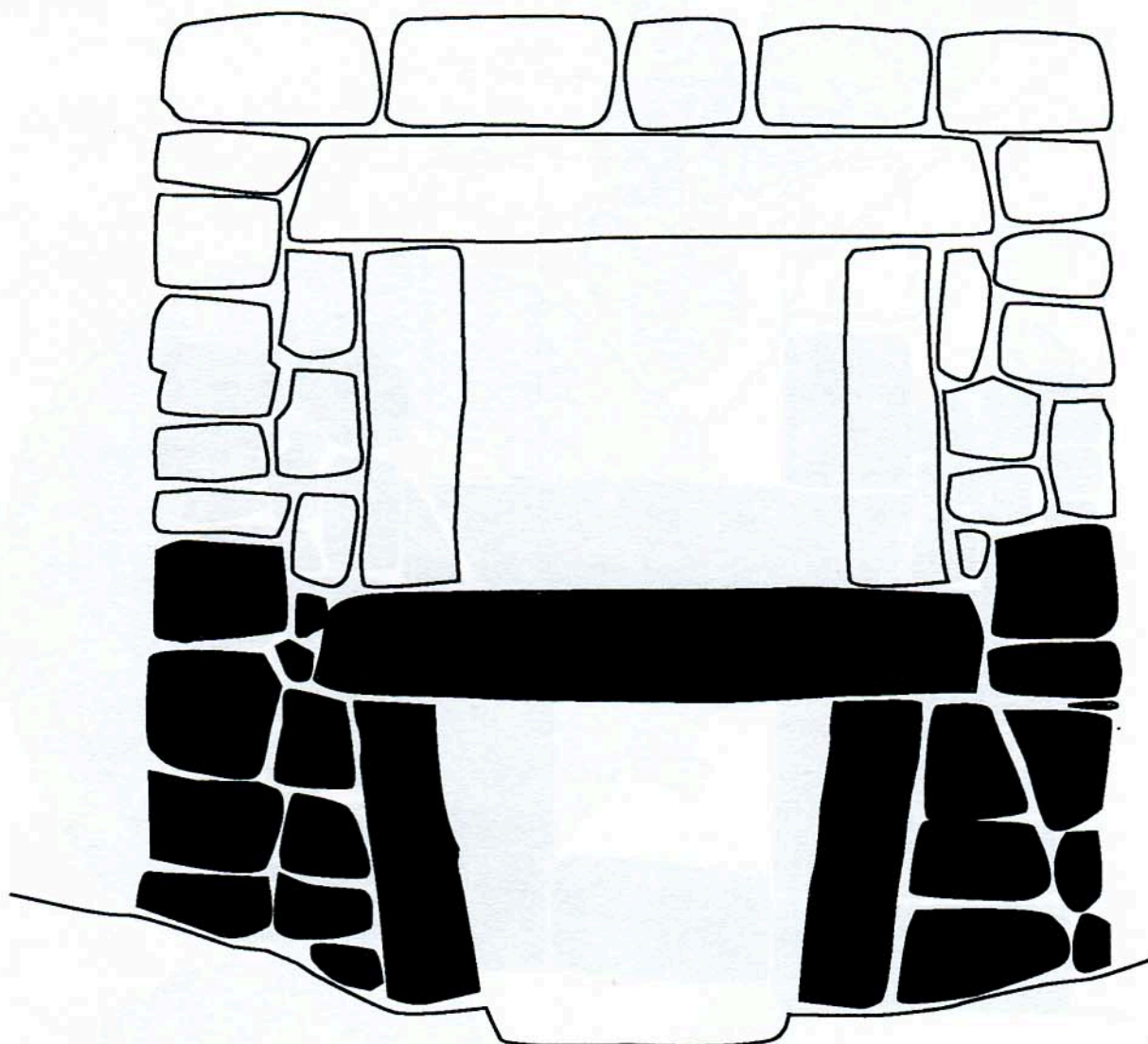


Estruturas ainda existentes



Reconstituição

Figura 3 – Murça do Douro, Forno de Cerâmica (Forno 1)

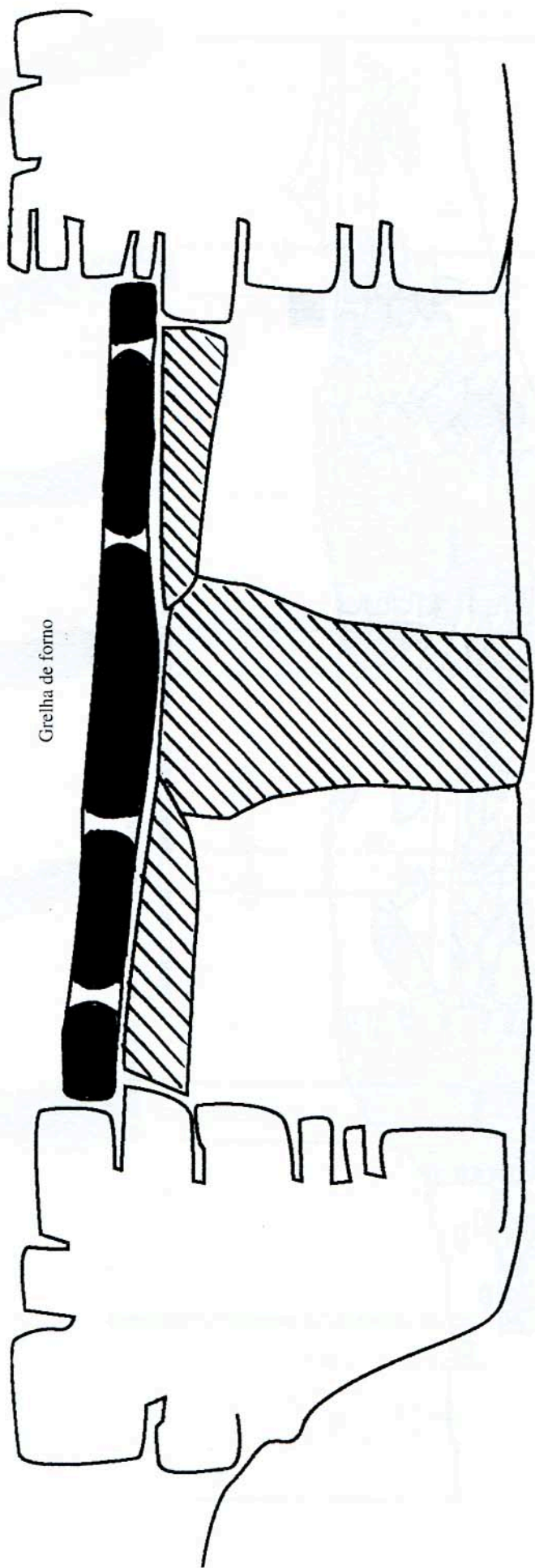


Rocha de base (granito)

50 CM

■ Estruturas ainda existentes

Figura 4 – Murça do Douro, Rumansil I, Forno 2



Grelha de forno

Rocha de base (granito)



Figura 5 – Murça do Douro, Rumansil 1, Corte/Forno 2

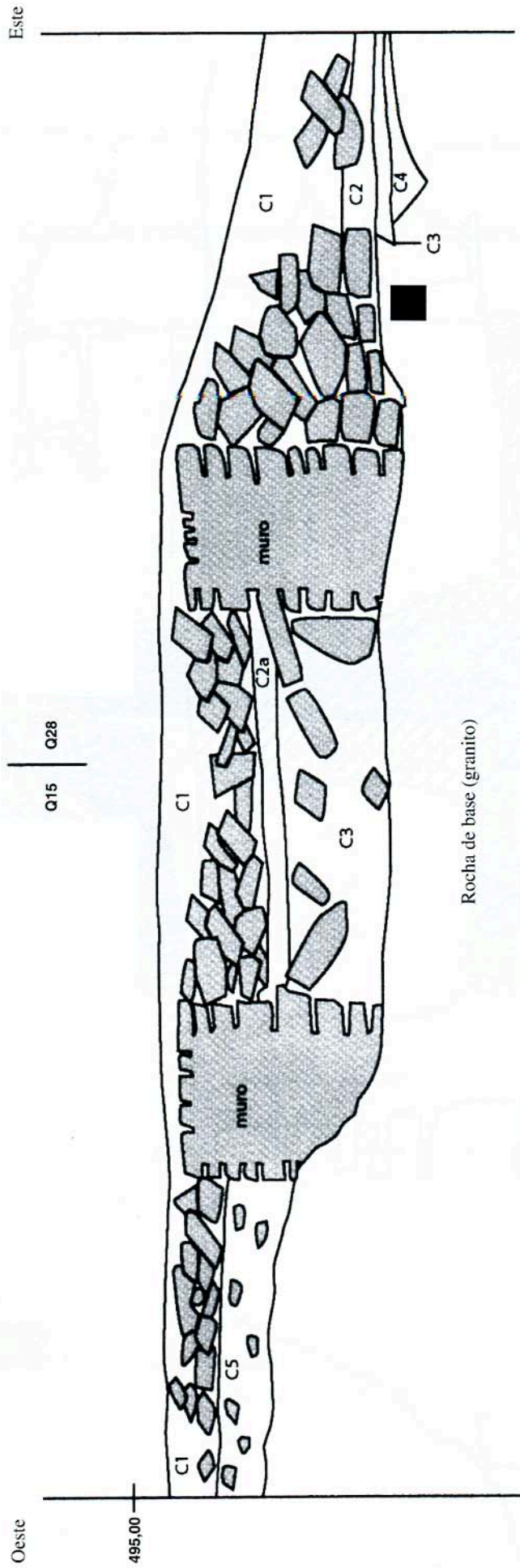
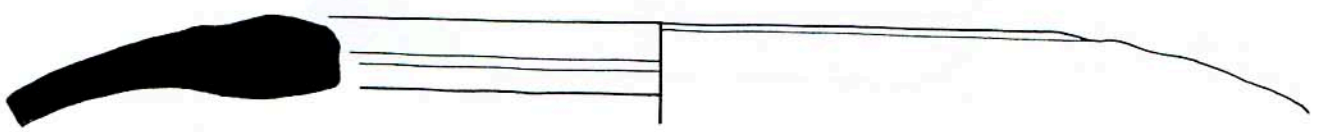
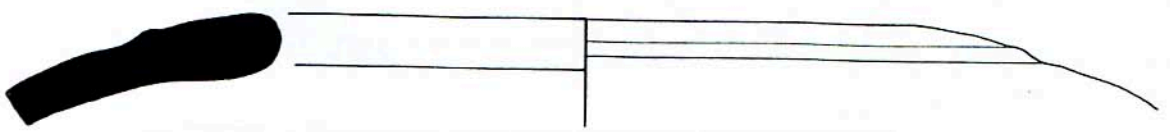
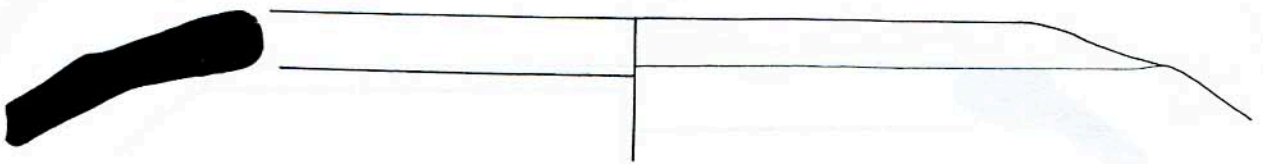
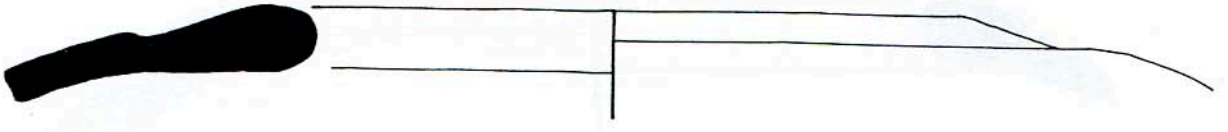
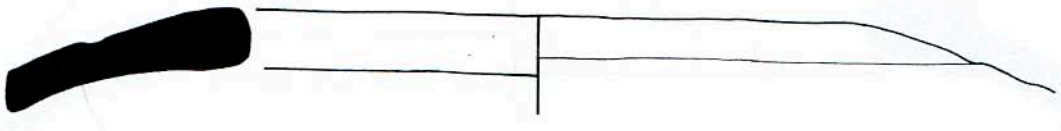
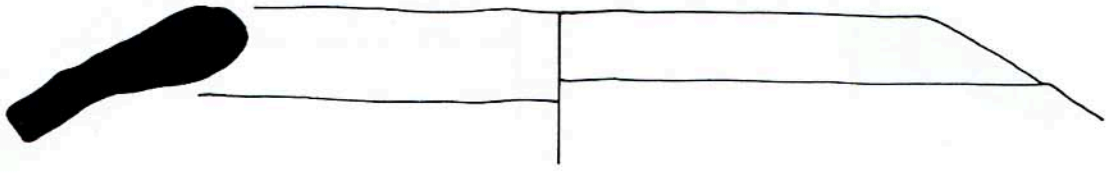
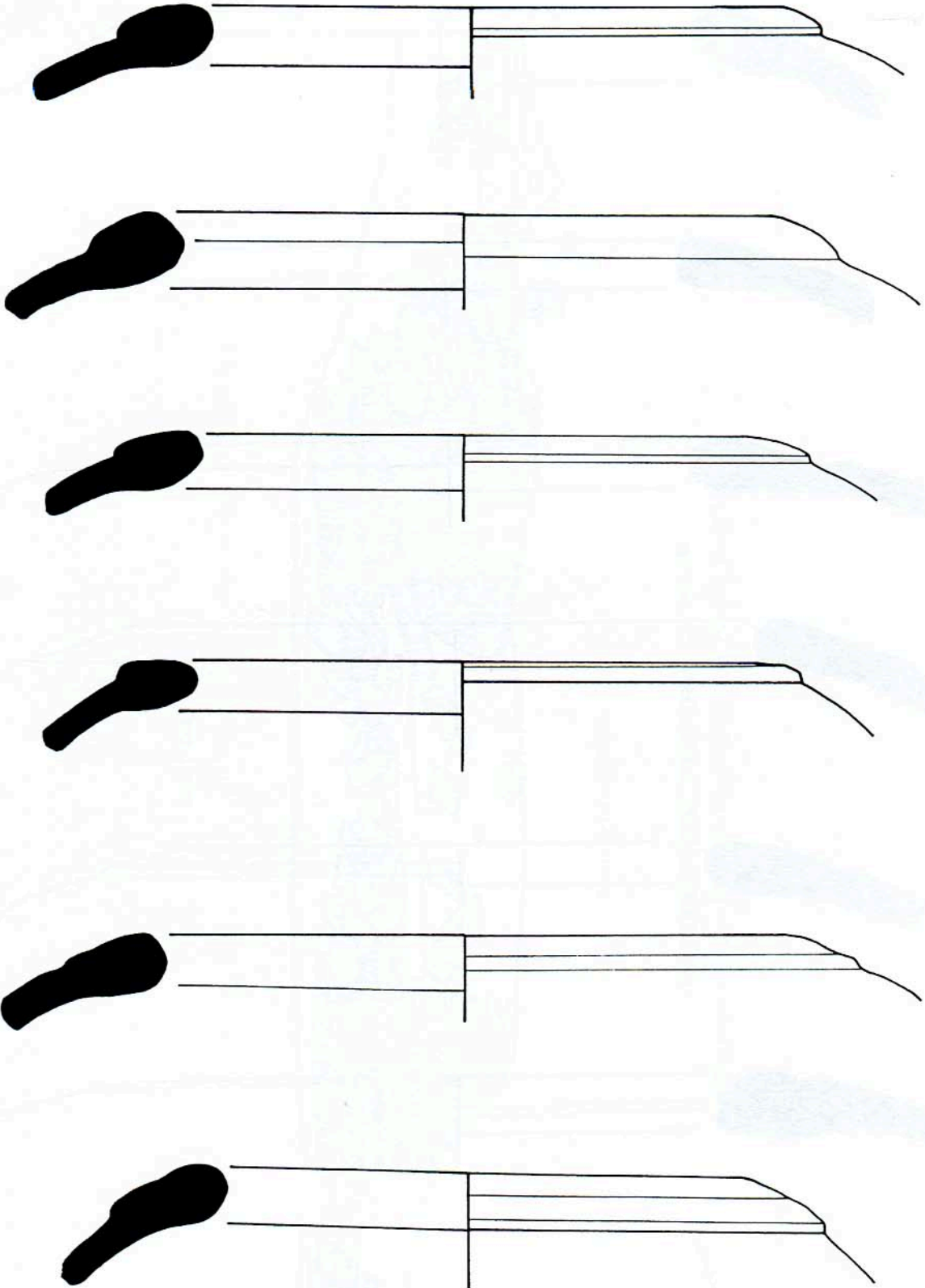


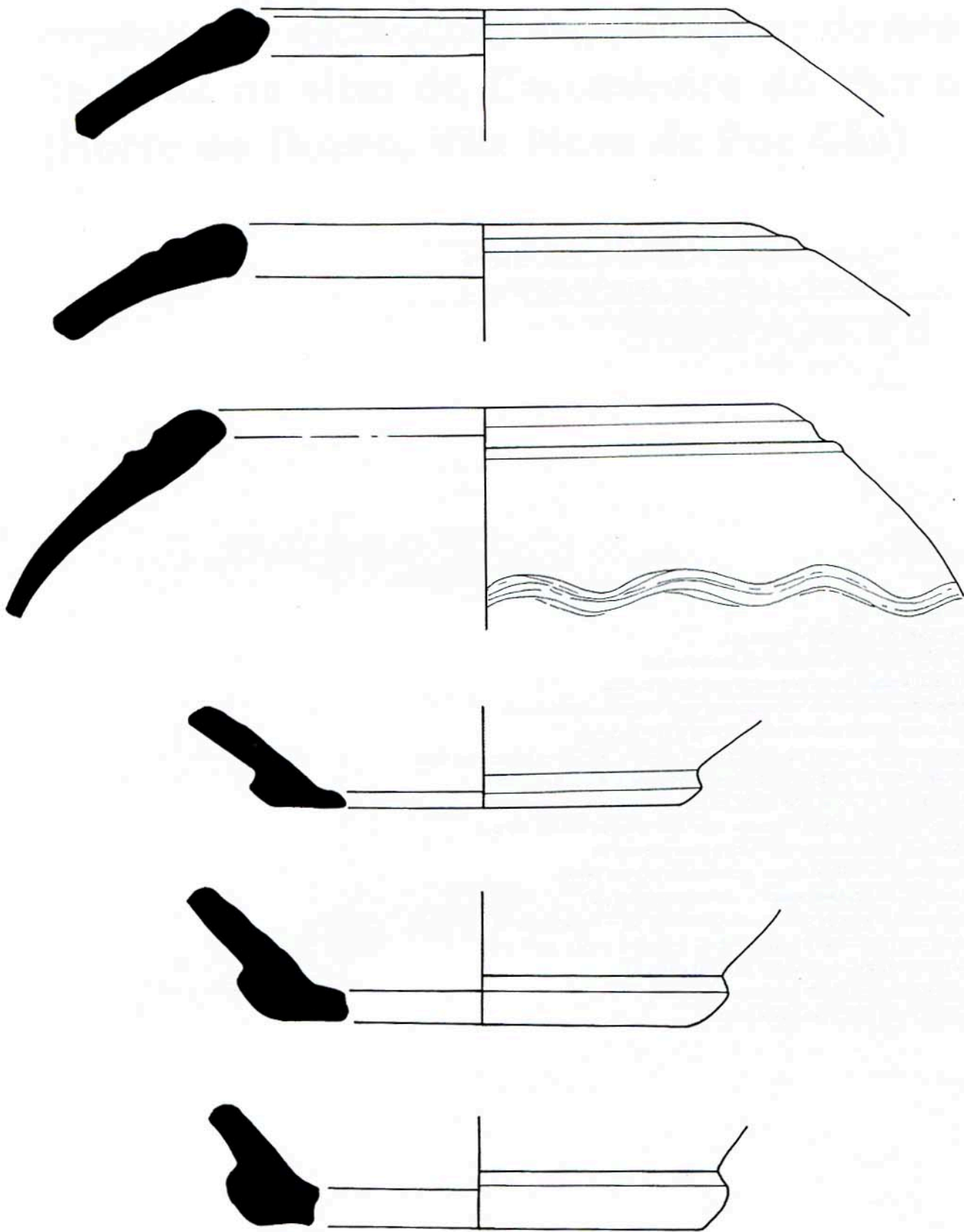
Figura 6 – Murça do Douro, Rumansil I (sector III), Forno 1, Corte M-N



Est. 1 - *Dolia* Typo 1



Est. 2 - Dolia Typo 2



20 CM

Est. 3 - *Dolia* Typo 3 e fundos